

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Adelina da Conceição Costa

registada em 2008-09-11
por

Cláudia Simões e Susana Pires

Adelina da Conceição Costa

Adelina da Conceição Costa nasceu em Lisboa, na freguesia de Santa Isabel, no dia 21 de Abril de 1930. O pai chamava-se José da Costa e a mãe Adelaide da Conceição Costa. O pai era empregado nas cocheiras, de pessoas de Lisboa. A mãe era doméstica no Monte Frio, “trabalhava no campo para governar os filhos e não era pouco”, tinha seis filhos para governar. Em criança Adelina ajudava a mãe. O pai morreu tinha ela 3 anos e a mãe tinha ela 17, 18 anos. Foi educada pela avó e pelos seus irmãos. Andou a fazer o correio, com a mala das cartas de terra em terra. Com 7 anos foi para a escola, mas a professora dizia que “não tinha cabeça para aprender”. Chateou-se e só fez a primeira classe. Trabalhou na barragem a “acartar cântaros de 20 litros e sacos de cimento”. Aos 15 anos foi servir para casa de uma senhora, em Monte Frio. Esteve lá sete anos até casar. Começou a namorar aos 19 anos, depois de servir, mas o marido conheceu-o na escola. “O namoro era às fugidas.” Depois de dois anos de namoro casaram na capela de Monte Frio. O marido foi para Lisboa e mais tarde foi Adelina. O filho nasceu lá. Quando o marido se reformou regressaram para Monte Frio.

Índice

Identificação Adelina da Conceição Costa.....	4
Ascendência José da Costa e Adelaide da Conceição Costa.....	4
Infância "Brincava e comia".....	6
Educação "Desenganou a minha mãe".....	7
Casa "Tomávamos banho numas bacias".....	7
Namoro "Ele apanhava-me de descuido".....	8
Casamento "O casamento foi em Agosto".....	9
Descendência "Têm a papinha, tudo arranjadinho e a caminha feita".....	10
Percurso profissional Entre Lisboa e Monte Frio.....	11
Costumes Costumes doces, alegres e sobrenaturais.....	12
Lugar "Daqui da terra gosto e não gosto".....	14
Quotidiano Sinais do passado nos dias e hoje.....	15
Avaliação História para os netos.....	17

Identificação *Adelina da Conceição Costa*

O meu nome é Adelina da Conceição Costa. Nasci em Lisboa, na freguesia de Santa Isabel, no dia 21 de Abril de 1930. Tenho 78 anos.



Adelina Conceição (Lisboa, 1955)

Ascendência *José da Costa e Adelaide da Conceição Costa*

O meu pai chamava-se José da Costa e a minha mãe Adelaide da Conceição Costa. O meu pai era empregado nas cocheiras, não lhe conheci outro emprego. As cocheiras eram de pessoas de Lisboa. Ele recebia um ordenadito, que não devia ser muito. A minha mãe era doméstica no Monte Frio. Trabalhava no campo para governar os filhos e não era pouco. Seis filhos para governar. E ainda ajudava as pessoas para ganhar dinheiro. Ajudava nas fazendas. Estava cá e ia a

Lisboa volta e meia. Em casa ela também fazia a limpeza, o comer e já chegava. Os nossos cultivos eram bocados pequenos. Cultivava milho, feijão e batatas.

Nós tínhamos gado, cabras e ovelhas. Eu ajudava a minha mãe. Tínhamos que andar. Ia-se para o monte, fazia-se mato, punha-se-lhe no curral, tínhamos de colher e secar erva, era assim. Graças a Deus nunca tive problemas com os lobos. Mas apanhavam aí, por cima do povo, os borregos pequeninos. Mas eu era raro sair daqui.

O meu pai morreu tinha eu 3 anos e a minha mãe tinha eu 17, 18 anos. Fui educada pela minha avó e pelos meus irmãos. A minha avó chamava-se Maria da Conceição. Ela morreu com uma doença má. Foi para Lisboa, mas já não lhe fizeram nada. Depois veio e foi sofrer até morrer aqui, sem tratamentos.



Adelaide da Conceição, mãe de Adelina (Monte Frio)



José da Costa, pai de Adelina (Lisboa)

Infância "*Brincava e comia*"

Em pequena era a brincar uns com os outros. Era à macaca. A saltar. Faziam uns riscos no chão e depois punham umas pedrinhas e saltavam. Ainda se vê na televisão. Fazíamos coisas para brincar. Umas bonecas de trapos. Brincava com outras crianças, rapazes e raparigas. Era tudo. Brincava e comia. E depois era o bailarico.

No correio "*era a butes*"

Quando ia para o correio era levar a mala com as cartas. Levava-as à Benfeita e trazia as que vinham de Côja, lá de Lisboa, de um lado e de outro. Quem me chamou para lá foi um senhor daqui. Fui eu e vários, quando eu não quis, tiveram que ir outros.

Andei lá a ganhar 15 tostões, era uma vergonha. De Pai das Donas vinha para a Benfeita ganhava 2 escudos. E para aqui, para tão longe, ganhava 15 tostões. Mas isto ia da pessoa, que fazia o ajustamento. A outra pessoa é que ganhava e dava só assim. Tinha 5 tostões de cada terra. Vir da Benfeita aos Pardieiros e dos Pardieiros para a Relva Velha e para aqui. Era uma miséria, quase nem para o pão dava. Até se dizia: "Relva Velha está a cair, Pardieiros estão no chão, Valentões de Monte Frio que ainda cá têm mão."

Era bastante tempo. Às vezes eram seis horas e eu ainda na Benfeita. Às vezes, quando tocavam as Ave Marias ainda eu estava na Benfeita, que o correio não vinha de Côja. Na igreja tocavam as Ave Marias, já era noite. A pé e tão longe. Debaixo de água, neve e vento, pinheiros a caírem à minha frente. A uma irmã minha caiu-lhe um pinheiro à frente. Se ela calha de passar na altura apanhava com o pinheiro em cima. Vinha de lá, às vezes, de noite "pia cima"¹ e eu tinha tanto medo. Se sentisse só uma pedra, já vinha ali assim com medo. Uma vez, cheguei aos Pardieiros e vai um homenzinho comigo com uma lanterna. E daqui não iam à minha procura, nem iam esperar-me. Ai, eu chegava a casa danada. Vinha por ali acima. Uma vez esqueci-me da mala dos Pardieiros na padaria e tive que voltar da Nossa Senhora das Necessidades, mais para cá, para a Benfeita para ir buscar a mala. Aconteciam-me assim coisitas. Depois é que começou a ser de mota e agora é de carro. Vem de Côja num carro e a gente era a "butes".

Educação "*Desenganou a minha mãe*"

Fui para a escola, mas não aprendi nada. Tinha 7 anos. A professora dizia que eu não tinha cabeça para aprender. Desenganou a minha mãe, disse que não valia a pena andar a perder tempo que eu não aprendia. Ainda fiz o meu nome, mas depois esqueci-me. Andei até à primeira e parei. Eu gostava, mas depois chateei-me com a professora. Ela batia-me por tudo e por nada, de queixas que lhe vinham fazer, e eu aborreci-me e saí. Fui-me embora. Não era assim muito traquinas.

Casa "*Tomávamos banho numas bacias*"

Em pequena tínhamos a rua ao meio, uma tia de um lado e a gente do outro. Comíamos juntos. Umás vezes comíamos em casa da tia, outras na minha. Era assim.

¹por aí acima

A casa dos meus pais era a do tio Américo, um senhor daqui. Aí é que era a casa da minha mãe, mas era de outra maneira. Na rua tinha um balcão até cima, onde ele tem a janela. Tinha ali o balcão, as escadas e a porta. Não tinha nada. A retrete era no quintal. Tomávamos banho numas bacias, numa casinha que havia fora. Tínhamos lenha ao pé da cozinha. Púnhamos uma bacia grande, tomávamos lá banho.

Namoro "*Ele apanhava-me de descuido*"

Comecei a namorar tinha aí se calhar 19 anos. Foi depois de servir. Estava lá, casei-me lá.



Fernando Francisco (Lisboa, 1955)

Conheci o meu marido cá. Conhecia-o de miúda, de pequeno assim da escola. Ele andava na escola também, mas era mais velho, andava mais adiantado, era mais inteligente que eu. Depois andava na tropa. Pediu-me em

namoro, vinha eu de cima da fazenda, da quinta que tem uma casa grande, ao pé do cemitério. Eu vinha de lá e ele vinha em baixo, apanhou-me e foi ali que ele me pediu em namoro. Eu disse que não mandava, que os meus irmãos é que mandavam. Os meus pais já tinham morrido. Ele depois foi falar com o mais velho e o meu irmão disse que sim.

Namorei com o meu marido dois anos antes de casar. O namoro era às fugidas. Mas não havia beijos como agora. Eu estava a engomar numa casa que tinha ao lado da senhora onde estive a trabalhar e ele ia para lá ver-me. Estava engomar e a falar, a namorar, pronto. Ele, às vezes, lá ia numa escapada com um beijo, mas eu fugia sempre. É assim. A gente não era como agora. Ele apanhava-me de descuido e pronto. À outra casa não ia. Ia ali porque eu estava lá a engomar. Depois ele andava na tropa, também cá não estava. Foi para Lisboa e escrevia. Foi tratar do casamento e vir para se casar.

Casamento "*O casamento foi em Agosto*"

Casei na capela lá em baixo. Foi em Agosto. O padre era da Benfeita. Estava lá e depois veio cá fazer o casamento. Eu estava a servir e os meus patrões é que foram os meus padrinhos. O marido, ela não foi. Foi uma cunhada minha nas vezes dela. A minha cunhada é que ficou madrinha lá no registo. Quem me levou ao altar foi o padrinho.



Adelina Costa e o marido Fernando Francisco Lisboa, (1952)

O meu marido ia de fato preto. Era a praxe. Eu ia de saia e casaco cinzento, uma blusinha branca e um veuzinho. Não ia assim de noiva. O meu fato foi feito em Oliveira que, na altura, eu estava lá com as meninas, filhas dos meus patrões, que estavam a estudar.

Tanta gente e tanta comida

O copo-d'água foi em casa de uma tia minha, com convidados da família. Era a família e algumas pessoas mais chegadas. Os convidados iam no dia do casamento e à noite, às vezes ainda iam ao outro dia. Eram pessoas conhecidas, aqui da terra. Comíamos ali. Quase três dias a comer o que tinha, de véspera, no dia e ao outro dia. Era o que havia. Punham sopa, faziam canja, depois era a carne com batatas ou arroz. Era assim o comer. Depois vinham os doces: tigelada, arroz-doce, bolos, coscoréis, rodilhas e pães-de-ló. Chamavam-lhe o pão-de-ló que era feito numas formas na padaria. Depois saíam da forma e iam nos pratos para a mesa, para comer. Faziam aqui nos fornos da aldeia. Os fornos eram de pessoas da terra. Havia aí uns quatro. A gente ia ao que era mais perto da casa. Agora é do Castanheira, o tal forno onde a gente assou a carne e assim. Eu também tenho um forno agora. Foi quando fiz a casa é que fiz.

Fomos viver para uma casa que era dos meus sogros, eles estavam na fazenda e a gente dormia ali. Depois o meu marido foi para Lisboa e mais tarde fui eu. Chamaram-no para ele ir trabalhar numa garagem e ele teve que ir e depois mandou-me ir. Ele chamou-me e os pais não gostaram muito. Queriam que eu cá estivesse. Tiveram que se habituar. Depois o meu sogro esteve três anos e tal numa cama e eu aqui a tratar dele. Ele mandou e eu tive de vir. A gente estávamos casados há dias, nem 15 dias quase estivemos juntos aqui. Ele foi trabalhar numa garagem ao pé do Marquês de Pombal.

Descendência "*Têm a papinha, tudo arranjadinho e a caminha feita*"

Quando o meu filho nasceu, baptizei-o na Igreja São João de Deus, em Lisboa. Sou religiosa. Vou à missa quando posso. Agora não posso. O meu marido tinha carro e agora não conduz.

O meu filho andou na escola Patrício Prazeres, foi ali que ele estudou. O meu marido quando era nas folgas, vinha para casa, fazia o comer e o filho também ajudava e era assim a vida.

Os meu netos vêm cá quando a gente cá está. Têm a papinha, tudo arranjadinho e a caminha feita. Bem que ele agora tem tido azar, vem para cá coitado em Agosto e ele é que tem que fazer o comer. Dá-me umas coisas na coluna e não posso.

Percurso profissional *Entre Lisboa e Monte Frio*

De pequena a trabalhar na terra onde nasceu

Quando andava na barragem era lá em cima no Seiroco e na Camba. Ia com a prima minha, que vendia vinho. Eu ia acartar cântaros de 20 litros e sacos de cimento. Por isso é que eu agora sofro da minha coluna e das minhas pernas. A subir aquelas penedas com os sacos de cimento à cabeça e os garrações de 20 litros também. Era preciso a gente ter firmeza nas pernas. Às vezes, não era capaz de subir as penedas, que eram altas demais. Via-me parva. Era uma vida triste. Graças a Deus nunca despejei cântaro nenhum no chão. Ai Jesus, se deixasse cair era uma desgraça, eram 20 litros de vinho que eu levava na cântara.

Aos 15 anos fui servir para casa de uma senhora chamada Assunção Peres. Era aqui em Monte Frio. Havia de ter 15 anos ou o que era. Estive lá sete anos até me casar.

Entre Lisboa e Monte Frio

Em Lisboa ainda andei a fazer umas horas numa casa mas o meu marido depois não quis. Entretanto engravidei e tive o meu filho. O meu marido foi para a Carris e eu tinha que lhe fazer o comer, para lhe mandar. Ia lá aos eléctricos e aos autocarros levar o comer. Ele andava nos autocarros a conduzir as pessoas.

Estive em Lisboa até vir para aqui. Vinha cá estar, às vezes, aos três meses e assim. O meu marido ficava lá mais o filho e eu vinha ajudar os pais dele, quando era na sementeira, a apanhar o milho e nas vindimas. E não tenho reforma. Podia descontar para a Casa do Povo, porque eu estava aqui aos três meses e mais, podia ter uma reforma e não tenho nada. Não tenho nada de reforma. Do correio agora ganham uma boa reforma e eu andei lá a ganhar 15 tostões que era uma vergonha.

Costumes *Costumes doces, alegres e sobrenaturais*

"Vão os santos ali a cambalear"

O santo de Monte Frio é o Milagroso que está em Arganil a restaurar. Temos também a Senhora de Fátima, a Rainha Santa, a Senhora das Febres, o Santo António e a Santa Filomena, que é muito grande. A festa da aldeia é no dia 7 de Agosto. A procissão anda na rua, vai ao largo, dá a volta e vai para a capela outra vez. É acompanhada pela música. Este ano não houve. Já ninguém quer levar o andor, fica na capela. Eram oito andores mas ninguém quer levar. São só miuditos e depois vão os santos ali a cambalear, a cair.

Temos ainda a Senhora da Boa Viagem que está na capelinha pequenina, a antiga, mas está na capela uma maior que ofereceram. Tem um andor grande. Faziam a procissão à noite naquele andor. No primeiro ano o andor tinha aquelas lampadzinhas tudo aceso. Mas agora parece que as pilhas estão avariadas. Tiram a santa do andor para o largo e fazem lá o terço.

Este ano nem houve mordomos. Ser mordomo é organizar a festa, falar à música e arranjar quem dê comer. Agora já ninguém quer dar comer à música, pagam-lhe e vai embora. O meu filho já foi mordomo com outro casal. O meu marido e eu também já fomos, dois anos. Agora já estamos velhos. Para minha casa vieram dois músicos uma vez. Quase todos os anos vinham dois. A Comissão não pode fazer festas religiosas. O ano passado fizeram, mas este ano não. Fizeram o almoço deles lá para arranjarem o dinheiro que devem daquela casa que fizeram ao lado.

"Puxava a carne para dentro da ventosa e tirava o mal"

Havia na Benfeita um senhor que era meio curandeiro. Era o pai do "Minas". Os remédios que ele dava curavam as pessoas. Era muito inteligente aquele senhor. O barbeiro era o filho. Chamam-lhe o "Minas" que andou no correio numa mota. Um dia, faltaram-lhe os travões e ele foi bater na casa da dona Saudade. Era ele:

- "Fujam! Fujam! Ai que eu mato-me! Eu mato-me!"

A mota perdeu os travões e ele foi pela rua abaixo:

- "Ai que eu mato-me, que eu mato-me!"

Volta e meia quando o vêem dizem:

- "Ai que eu mato-me, que eu mato-me!"

Esse vinha entregar as cartas e cortava o cabelo. Fazia a barba a quem quisesse. Ele não curava, isso era o pai. Esse tal senhor receitava e dava injeções nas veias e tudo, era muito inteligente. Usava a linhaça e as ventosas. A linhaça amassava-se e punha-se num pano. Depois punha-se no peito, para curar a constipação e assim essas pneumonias. As ventosas eram uns copos de vidro. Eram uns copinhos largos, era quase os iogurtes de vidro que há. Punham-lhes algodão dentro, acendiam-lhes o lume, a ventosa pegava, puxava a carne para dentro e tirava o mal. Tive uma tia que teve uma pneumonia e ele curou-lha com aquelas ventosas. Era mais estreitinho em cima, punha-lhe o algodão, pregava nas costas, saía aquela carne para dentro da ventosa e puxava o mal para fora.

"Fiquei uma vez ao fundo dos Pardieiros sem uma unha"

Eu, graças a Deus nunca andei descalça. Mas, uma vez, fiquei ao fundo dos Pardieiros sem uma unha, de dar topadas nas penedas. Ia descalça aquele dia, é assim. Às vezes era umas sapatilhas, uns sapatos de borracha, de pano por cima. Antes era com umas sapatilhas com uma bola assim na ponta, em cima na chanata. Quando andava no correio arranjava uns tostõezitos para arranjar uns chinelinhos para ir calçada. E usava tamancos quando ia para o gado. Usava umas tamancas, umas vezes era com brochas, outras vezes punham sola assim pregada na madeira.

O meu marido ainda tem ali uns tarocos, uns socos, uns tamancos, mas ele pôs-lhe borracha por baixo para não fazerem barulho e não escorregar, porque a madeira escorrega. O meu sogro fazia brochas na forja. Tinha assim uma coisinha punha ali o ferro em brasa e batia com o martelo em volta. Fazia-lhe aquelas orelhinhas em volta nas brochas e andava aí pelas terras a vender brochas. Era para pregar nos tamancos. Para não escorregar. Na feira vê-se lá tamancos. Pela feira há disso. Ainda usam que, às vezes, na televisão até se vê.

Doces, docinhos e caseiros

Coscoréis é aquilo que a padeira, às vezes, vende, assim redondinhos. É frito. Aquilo amassa-se a farinha com os ovos e sumo de laranja ou limão. Deixa-se levdar. Põe-se o azeite ao lume, depois enrola-se na mão e estica-se. Molha-se a mão no azeite frio, esticam-se e põem-se assim no azeite quente. Eles sobem. A tigelada é nuns tachinhos de barro. A gente bate aquilo numa panela grande, mexe os ovos bem batidos, depois põe o leite e o açúcar à medida do gosto, do

paladar e esprememos limão e casca, raspa de limão. Há quem ponha a raspa e outros põem a casca e depois tiram.

"Não acredito em bruxas, mas que as há..."

Se um casal tivesse seis rapazes, ou seis raparigas, uma era bruxa ou lobisomem. Quando era rapaz tinham que lhe pôr o nome Maurício. Se não lhe pusessem o nome Maurício tornava-se em lobisomem. Formavam-se em bichos, andavam aí. Diz que se punham em cavalos e cães e que metiam medo, nos tempos antigos. Mas não era do nosso tempo já. É dos antigos.

Uma vez a um homenzinho iam-lhe parar o moinho, que moía o milho para a farinha. E as bruxas iam-lhe tirar a água do moinho, cortavam-lhe a água. Uma vez foi lá para tapar a água, apanhou uma e disse lá umas palavras e ela formou-se em mulher. Trouxe-a do moinho no barroco até à capela, e ela disse assim:

- "Larga-me e ai de ti que digas, que me descubras, que eu mato-te."

E ele teve de dizer aquelas palavras e ela formou-se em bruxa, ou em borboleta, ou que raio é. Diziam umas palavras para as formarem em mulher e depois tinham que trocar as palavras para elas se irem embora. Podiam ir em bruxas ou podiam ir em pessoas já. Só quando elas morriam é que se dizia assim:

- "Olha já vai lá mais uma."

Morriam como nós morremos. Quando lhes dava o tempo delas morrerem e ele só dizia:

- "Já vai lá mais uma."

Porque ainda ficavam mais e ele não podia dizer. Elas em bruxas vão para o Brasil. Vão e vêm. Havia uma história que dizia que já tinham ido ao Brasil e que já tinham vindo. Elas formam-se em borboletas, voam e vão.

Lugar *"Daqui da terra gosto e não gosto"*

Quando o meu marido se reformou da Carris viemos para Monte Frio. Ele não gramava aquilo. Arranjou a vida dele, a reforma e veio embora. Tínhamos lá uma casa, da Câmara, nos Olivais, no 10º andar. Pagávamos 500 escudos de renda por mês. Era um monstro de um andar. Em frente ao Aeroporto. De onde a gente morava víamos os aviões todos, eles a aterrarem e a levantar. Sempre estava melhor lá que cá. Cá tinha que trabalhar. E lá fazia a minha vida em casa. Mas ele entregou a casa e viemos. Daqui da terra gosto e não gosto. Preferia estar em Lisboa, mas ele não quer. Ele até quando foi o casamento da neta veio cá o filho buscá-lo e sabe Deus.



Fernando Francisco e Adelina Costa no casamento da neta Ana Cláudia (Lisboa, 2004)

Quotidiano *Sinais do passado nos dias e hoje*

Levanto-me, vou tratar de umas galinhitas que ali tenho, depois faço as camas, limpo a casa e quando me apetece vou lá para cima para a Comissão, para o piso de cima, que vem da Benfeita o almoço. Estamos ali todos juntos até ao lanche às quatro horas, depois vimos para casa. Às vezes trago restos de comer de cima para o gato e ponho às galinhas. E ponho-lhes uns granuladinhos. Tenho duas pititas. Ponho-lhes umas couves. É assim um bocadito chato. Também agora não nos falta nada, falta é saúde. Saúde é que falta. Já me andam as dores a apanhar os joelhos. É assim a vida.

"Pedi para eu lhe fazer rendas"

Estou em casa, vejo televisão. Às vezes, fazia renda mas agora já me custa, já me aborrece. A minha nora não gosta de rendas e a minha neta também não. Tinha-as aí e ela não as quis levar. Eu gosto muito de renda, a minha mãe também fazia. Aprendi uma renda na escola mas depois escangalhei-a toda. Escangalhei a renda, mas acertei com ela. Depois fazia uns paninhos, uns *picots* em volta dos panos e assim entretém-se a gente. Aprendi com uma rapariga, com uma prima que está agora no Brasil. Ela tinha uma cunhada que disse que eu não aprendia,

que não sabia e não me ensinou. E depois ainda me pediu para eu lhe fazer rendas. É assim. Tenho panos com *picot*, tenho uma toalha de renda que fiz às rodinhas, às flores. No meio pegava e fazia uma pequenina. Fiz uma toalha que era às tiras e fi-la inteira. Vou a Côja comprar as meadas ou novelos. Tenho ainda um saco de linha, mas já não apetece, já vejo mal e o meu marido é assim:

- "Pois estraga a vista, estraga a vista."

Essa tal minha prima tinha uma loja e tinha sempre aqui coisas. Tinha panos e tinha coisas para vender. E aqui a dona Saudade também tinha uma lojinha, que ela agora fez em sala. Também tinha linhas e panos e na feira comprava batatas. Era assim. Quando o meu marido tinha aquela carrinha, que ainda a tem, mas é um primo que a guia, comprava na Benfeita. Era quando ia à missa aos domingos, não faltávamos lá domingo nenhum à missa. Ele é muito religioso. Ele come e fica a rezar, mesmo lá na Comissão depois de comer ele lá está a fazer as rezas dele. A mãe dele era muito religiosa também.



Adelina Costa e o marido Fernando Francisco (Lisboa)

Avaliação *História para os netos*

Pode ser que os meus netos gostem de saber a minha história. Depois são capazes de dizer:

- "É mesmo maluca. Vejam bem o que ela esteve a dizer."